

Cult uras

Julio Iglesias Superstar

Como um cantor romântico se tornou irresistível para o franquismo, a ETA, a democracia espanhola, os hispano-americanos, Ronald Reagan e a Coca-Cola. Julio Iglesias é "O Espanhol Que Encantou o Mundo" na biografia de uma vida incrível

TEXTO JOSÉ MIGUEL SARDO

Posando em Los Angeles em 1983, ano em que lança "Julio", o primeiro álbum em língua não inglesa a vender mais de 2 milhões de cópias nos EUA

HARRY LANGDON/GETTY IMAGES

“E

u não canto, encanto”: a frase de Julio Iglesias está longe de ser apenas uma rima fácil dos êxitos que, nos anos 1980, chegavam a soar a cada 30 segundos em algum lugar do planeta e sobre os quais ele admitia, com uma vaidade disfarçada de modéstia: “Podem ser músicas fáceis, mas são também universais.” De “Elvis espanhol” a “Sinatra latino”, foram inúmeros os píropos que coroaram o cantor romântico ao longo de mais de meio século de uma carreira considerada lendária, tanto pelos mais de 300 milhões de discos vendidos como pelas mais de 3 mil amantes supostamente geográfica e temporalmente repartidas pelo mesmo número de atuações ao longo do planeta.

Uma vida de oito décadas dedicadas a fazer do amor um sentimento correspondido, de Benidorm a San Remo ou de Tóquio a Miami, e cuja biografia parecia ter sido perfeitamente descrita na extensa discografia de 200 singles e LP gravados em 14 línguas distintas e propagados pelo globo, nos tempos da Guerra Fria, como uma onda de calor tropical. Mas, da canção ‘La Vida Sigue Igual’ com que mudou de vida, em 1968, depois de uma carreira futebolística frustrada por um tumor inconfessável, ao primeiro grande amor — Gwendolyne —, distante da paixão suscitada pela música homônima que o catapultou na Eurovisão em 1970, passando pelo “divórcio do século”, as incontáveis infidelidades, as traições dos mais fiéis e mesmo as suspeitas de não beneficiar apenas do sol nos trópicos fiscais; a biografia de Julio Iglesias, ao contrário dos seus êxitos discográficos, nem sempre soou a melódia.

No entanto, o mais recente biógrafo do cantor e autor de “O Espanhol Que Encantou o Mundo” — prestes a ser lançado em Portugal pela Zigurate —, Ignacio Peyró, não parece determinado a ofuscar o primeiro cantor da história a receber um disco de diamante inventado à medida e o primeiro espanhol a poder presumir de contar com uma estrela no “Walk of Fame”



DAVE HOGAN/GETTY IMAGES

“Torna-se um grande sedutor sem ser dotado de beleza evidente e um cantor admirado sem possuir uma grande voz. Porém, com a virtude rara do ‘dom da sedução’, o carisma de um Kennedy”

IGNÁCIO PEYRÓ
BIÓGRAFO

de Hollywood. “Julio Iglesias vai tornar-se um grande sedutor sem, no entanto, ser dotado de uma beleza masculina evidente; vai tornar-se um cantor admirado em todo o planeta sem possuir uma grande voz — e a verdade é que, ao início da carreira, não cantava bem. Porém, conta com essa virtude rara que se pode chamar de ‘dom da sedução’, esse mesmo tipo de carisma de um Obama ou de um Kennedy”, reconhece o autor da biografia ao Expresso, seduzido, mas não totalmente rendido, ao admitir que “sempre tratámos Julio Iglesias com uma certa condescendência intelectual”.

MOSCOVO E WASHINGTON
OUVIAM A MESMA CANÇÃO
O escritor e atual diretor do Instituto Cervantes de Roma,

tradutor dos romancistas britânicos Rudyard Kipling e Evelyn Waugh, assina um retrato retrospectivo tão épico como rocamboloso, não só de Julio Iglesias como de uma Espanha na viragem da ditadura para a democracia. Um país onde, com menos dons que ambições, um futebolista falhado que trocou a advocacia pela música e um marido tão ideal quanto infiel, podia ser absolvido pelo público ao entoar uma balada de amor, de dinheiro e de fama como “sou um charlatão, sou um senhor”. A biografia do artista espanhol mais conhecido do mundo, ao lado de Dalí e Picasso, e um produto de exportação à altura tanto do êxito comercial como do gosto duvidoso da paella mixta e da sangria com soda, não se resume, no entanto,



Entre mulheres na festa do seu 40º aniversário, a 23 de setembro de 1983 (em baixo, à esquerda, a atriz suíça Ursula Andress, sex symbol da década de 60)

ao impulsionar o êxito das revistas cor-de-rosa ou ao tornar-se uma referência para os “conservadores do coração”, das festas na Casa Branca dos Reagans ao encerramento da campanha vitoriosa de José María Aznar em Espanha, em 1996. Como empresário multimilionário e grande investidor imobiliário, Iglesias vai também vender terrenos em condomínios de luxo em Miami tanto a Jeff Bezos como a Ivanka Trump.

No olhar de Peyró, a história de Julio Iglesias resume uma era, desde que o “rapaz de direitas” de sorriso imaculado vai triunfar pela primeira vez no palco do Festival de Benidorm – com os bolsos cozidos para não enfiar as mãos – ao ritmo da abertura da ditadura aos biquínis das suecas e ao turismo da Costa del Sol. O fenómeno Iglesias, revisitado para esta biografia, conta também como um “antimoderno” de pose aristocrática, que cantava num inglês aproximativo, a contratempo do estilo e dos gostos do rock e do pop, vai tornar-se o primeiro a fazer de Miami, onde reside há mais de quatro décadas, uma ponte para o triunfo da música latina no maior e mais irredutível mercado discográfico, o dos Estados Unidos da América. A tournée mundial do “cantor pouco efervescente”, com um toque de nostalgia ao pôr do sol, vai ser patrocinada em 1984 pela Coca-Cola, frente a uma Pepsi que se declara pelo explosivo Michael Jackson. Frank Sinatra, com quem Iglesias vai cantar um dos seus inúmeros duos, vai dizer do espanhol: “somos da mesma

massa, mas eu tive a sorte de nascer antes dele”.

DA SEDE DE TRIUNFO AO PÂNICO DE CAIR

Ao longo das quase 300 páginas da biografia, Julio Iglesias vai cruzar-se com a história de Espanha e do mundo, dos anos 1960 até à atualidade, nem sempre sobre o palco ou entre aplausos, mas sempre entre duas obsessões, a vontade de triunfar e o “pânico da queda”. Os anos 1980 vão marcar o zénite da carreira de Iglesias, com a “conquista de América” sabiamente orquestrada durante anos, ao mesmo tempo que vão provavelmente revelar os malefícios do único vício reconhecido pelo cantor ao mesmo nível que as mulheres – a fama. Em 1981, o sequestro do pai de Julio Iglesias durante 20 dias por parte de um comando da ETA entrará na história de um período pouco cor-de-rosa em Espanha e levará o cantor a diminuir progressivamente a sua exposição pública até um silêncio hoje quase absoluto aos 81 anos de idade.

Como ocorre nas relações amorosas, Julio Iglesias vai adiando há décadas o momento doloroso da despedida, desde o último concerto em Chicago em 2014 e a última compilação de canções, “Julio de 100”, publicada em 2018. Um silêncio quebrado apenas o ano passado, em comunicado, precisamente para rejeitar os rumores sobre a sua retirada de cena definitiva por problemas de saúde. Uma reserva que Peyró atribui a esse “pânico de cair” que sempre dominou o percurso do intérprete, agravado nas últimas décadas por uma série de traições mais ou menos familiares, do mordomo ao seu ex-representante e mesmo o próprio filho, Enrique Iglesias, cujo primeiro disco foi gravado às escondidas do pai e financiado em segredo com o salário da ama. Foi também com o silêncio que Iglesias respondeu às solicitações de Peyró aquando da preparação da biografia. A crónica vai também atravessar

Portugal em dois momentos difíceis do percurso do cantor, quando tem de esconder no Estoril a gravidez de Preysler antes do casamento em 1970, e noutro capítulo de uma paternidade nem sempre fácil de combinar com a fama. Neste caso, quando a bailarina portuguesa Maria Edite Santos, depois de uma semana de amor em Sant Feliu de Guixols, dá à luz Javier, que, segundo Peyró, “só a justiça nunca reconheceria como filho legítimo do cantor”. Hoje, a viver entre Miami e as Bahamas uma relação amorosa zelosamente protegida do olhar do público – com a antiga modelo neerlandesa Miranda Rijnsburg –, Julio Iglesias parece fazer do mistério uma forma de tentar perpetuar o êxito e de silenciar algumas revelações que nunca terminaram em escândalo. Todas são citadas por Peyró. A biografia certamente mais literária do intérprete de canções românticas tenta agora responder às perguntas que o próprio Iglesias parece ter deixado sem resposta, depois de batizar o último single, que editou em 2015, com o título “Quem Será?”. Ou, como afirma Ignacio Peyró ao Expresso, “penso que tentei encontrar uma distância, uma ambiguidade e uma ironia que me permitissem contar a vida de um personagem que me desperta uma certa simpatia e sobre o qual penso que o seu maior poder de sedução é afinal o de conseguir sempre que lhe perdoemos as fragilidades”. ●



JULIO IGLESIAS — O ESPANHOL QUE ENCANTOU O MUNDO

Ignacio Peyró
Zigurate, 2025, trad. de Carlos Vaz Marques, 272 págs., €19,90 (disponível dia 22)